

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

DAVI ROSA GALÊGO

**HISTÓRIA DENTRO DAS HISTÓRIAS:
a personagem Bolívar na obra de Gabriel Garcia Márquez**

Monografia apresentada ao curso de Graduação de História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Prof.^a Ms. Rita de Cássia Guimarães Melo.

Uberlândia, Julho de 2004

DAVI ROSA GALÊGO

**HINTÓRIA DENTRO DAS HISTÓRIAS:
a personagem Bolívar no obra de Gabriel García Márquez**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms. Rita de Cássia Guimarães Melo - Orientadora

Prof. Dr. Eduardo José Tolendall

Prof.

Dedico este trabalho à Maria Gisele Peres por me apoiar em todos os momentos e não me deixar desistir.

Aos meus pais, ao Lucas e ao Vinícius por tornarem a execução deste mais divertida.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer inicialmente a minha orientadora Rita de Cássia G. Melo pela paciência e a confiança que em mim depositou, acreditando na minha capacidade de encontrar meu próprio caminho.

Agradeço, também, ao professor Leandro J. Nunes e a professora Célia Rocha Calvo por me apontar caminhos e indicarem leituras que foram fundamentais para a construção deste trabalho.

À João Batista, secretário do Instituto de História, que durante toda a minha jornada no curso sempre demonstrou seriedade e responsabilidade jamais negando ajuda e informação.

Resumo

Uma vez que o historiador deve sempre ampliar seu conhecimento e as fontes utilizáveis, é fundamental saber utilizar e compreender a importância da Literatura para o estudo da história, principalmente a História Latino Americana, que muitas vezes abandona elementos populares restringindo a fatos e fontes muito escassos.

Sabendo utilizar a literatura na construção da História, abrimos um vasto campo de pesquisa, principalmente em Gabriel Garcia Márquez que mistura o real com o imaginário popular. Ampliando a discussão histórica e questionando o que é a verdade histórica.

Por esta razão a análise da obra de Garcia Márquez é importantíssima para a compreensão da História Latino americana, pois, ao escrever não utiliza apenas a fantasia, traz em ele a vivência de investigado e jornalista que também é.

Com este trabalho busco discutir a relação e a importância da escrita literária no estudo da História Latino Americana. Para isto analisarei a obra de Garcia Márquez "*O general em seu labirinto*", onde o autor descreve os últimos dias de Simon Bolívar.

Sumário

Introdução	07
Capítulo I - Bolívar e o Amor.....	18
1.1 - Bolívar e seu “Fiel Escudeiro”.....	19
1.2 – Bolívar e o outro lado do Atlântico.....	21
1.3 - Manuela Sáenz e as mulheres de Bolívar.....	26
1.4 – Bolívar e seu fim.....	28
Capítulo II - Bolívar e o Outro.....	32
Conclusão.....	39
Bibliografia.....	41

Introdução

Gabriel Garcia Márquez possui uma vasta obra literária, na qual constam títulos realistas com alguns resquícios romantistas como “Ninguém Escreve ao Coronel”, “A má hora”, “Cem anos de Solidão” entre muitos outros. É de grande importância lembrar que este autor é tido como exemplo no do chamado realismo-mágico¹ (ou fantástico), pela forma como são desenvolvidas suas tramas.

Por um longo período a literatura da América Latina mostrou o mesmo vigor presente nas obras literárias europeias por exemplo. Gabriel Garcia Márquez ganhou aclamação na vida cultural da América Latina e da Europa o que lhe rendeu um Premio Nobel de Literatura em 1982 pela obra “Cem Anos de solidão”. Muitos impulsos e tradições se cruzam nas obras latino-americanas: o conto oral passado de geração a geração, vestígios de uma cultura indígena, resquícios da cultura barroca espanhola, influência do surrealismo² e modernismo europeu são combinados numa vistosa e nascente mistura. É desse conteúdo que Gabriel García Márquez e outros escritores retiram o material e inspiração de suas obras. Os violentos conflitos políticos; sociais e econômicos que ocorreram na América desde a chegada dos Europeus e a imposição cultural que se seguiu ao processo de colonização dos povos americanos, bem como a atual situação precária no que se diz respeito a direitos humanos e a distribuição desigual da renda - elevam os ânimos da camada intelectual engajada na defesa das singularidades existentes na América Latina. Como a maioria dos principais escritores do mundo latino-americano, como Pablo Neruda por exemplo, García Márquez é extremamente ativo e engajado na luta a favor dos pobres e fracos, vítimas da opressão e da

¹ O Termo realismo mágico foi criado em 1924 ou 1925 por um crítico de arte alemã chamado Franz Roth. Para ele o realismo mágico era simplesmente uma pintura onde formas reais combinavam-se de uma maneira não condizente com a realidade cotidiana. Melhor discutido no livro em CARPENTIER, Alejo. *A literatura do Maravilhoso*.

² No que se refere ao surrealismo devemos entender que este persegue o maravilhoso e na maioria das vezes não o busca na realidade. Melhor discutido no livro em CARPENTIER, Alejo. *A literatura do Maravilhoso*.

exploração econômica. Fora de suas produções ficcionais, ele trabalha como jornalista, com artigos multilaterais, instigativos, muitas vezes provocativos e de maneira alguma limitados a valores políticos formais e institucionais. Já foi ministro em Cuba e sua obra questiona as relações de poder existentes no mundo, principalmente na América Latina, mais precisamente na Colômbia, sua terra natal.

A sua obra literária é importantíssima para a compreensão da História Latino Americana, principalmente quando se dá os conflitos entre metrópole e colônia no processo das independências e formação dos estados-nações da antiga província de Nova Granada (Equador, Colômbia e Venezuela).

Uma vez que o historiador deve sempre ampliar e incorporar outras fontes disponíveis no sentido de ampliar o conhecimento da sociedade, torna-se de fundamental importância utilizar e compreender a contribuição da Literatura para o estudo da história, principalmente a história Latino Americana, que por muito tempo abandonou os elementos populares restringindo sua história a fatos e fontes muitas escassas.

Utilizando o diálogo entre a Literatura e a História, abrimos um vasto campo de pesquisa. Gabriel Garcia Márquez mistura o “real” com o imaginário popular, constituindo o que se convencionou chamar de literatura do real maravilhoso³. Ampliando a discussão histórica e questionando a verdade na história, sem abandonar o fato de que quem escreve a história são os homens e estes, por sua vez, são movidos por paixões e vivem em um determinado tempo construindo a história de acordo com sua própria época e experiência de vida.

Por isso este trabalho, objetiva levantar algumas questões a sobre o processo histórico da América Latina Americana e busca produzir um material em língua portuguesa que utilize a literatura como fonte histórica em um período

³ O real maravilhoso, ao falarmos de maravilhoso, nem sempre tratamos do admirável e do belo. O feio, o disforme e o terrível, também podem ser maravilhosos. Tudo que é insólito é maravilhoso. Na obra especificadamente, o real maravilhoso é aquilo que é latino-americano, o insólito é o cotidiano. Melhor discutido no livro em CARPENTIER, Alejo. *A literatura do Maravilhoso*.

importantíssimo da história Latino Americana, que é a independência e formação desses países (Colômbia, Venezuela e Equador).

Antes da chegada da Espanha na América, os povos que habitavam aquela região possuíam uma história muito ligada ao mito⁴, na verdade o mito representava a história de cada povo. Devido ao doloroso processo de colonização a América Latina termina por apresentar uma tradição histórica muito mais oral do que escrita. Dessa forma no decorrer dos séculos da colonização, os antigos mitos, – que possuíam uma forte ligação com a natureza e geralmente povos politeístas cujos deuses eram diretamente ligados as ações de suas vidas - foram entrando em contato com a cultura européia (sociedade hierarquizado com base no catolicismo) e com dogmas cristãos, dando origem a uma Identidade Latino Americana carregada de superstições e crendices que vem sofrendo alterações ao longo do tempo. A compreensão histórica, muitas vezes, deixa escapar estes elementos transubstanciados, no entanto, a literatura, como exemplo Gabriel Garcia Marques, procura recupera-los recontando a história permeada por uma visão popular, cujos elementos míticos e imaginários, ainda fazem parte do cotidiano dos povos latinos.

O processo de independência e formação das nações do qual ocorre a divide a Província Espanhola de Nova Granada e origina os países como Colômbia, Venezuela e Equador. Essa divisão da América Espanhola põe fim ao sonho de Simon Bolívar de uma “América Unificada”. A obra “O General em seu Labirinto” narra os últimos dias de Simon Bolívar e procura mostrar o caminho que o mesmo percorreu pela América na tentativa de sair de um labirinto que ele mesmo havia criado.

⁴ Mito é um conceito utilizado para classificar a formas de organização das sociedades tribais que estava sendo analisada como uma forma de compreender a realidade. Grande parte das sociedades pré-colombianas tinham nos mitos a sua história e até mesmo crença religiosa. Com a chegada dos espanhóis os mitos foram aos poucos sendo substituídos pela religião católica, no entanto a cultura Latino Americana ainda é repleta do chamado sincretismo onde alguns dos antigos mitos se misturam com a religião católica dando origem há uma nova forma de se compreender o mundo. Melhor discutido em ELÍADA, Mircéia. *O Mito do Eterno Retorno: arquétipos e repetição*. Lisboa: Edições 70, 1969 e LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Linguagem Social*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1970.

A principal pergunta que aparece ao iniciar este trabalho é: Como utilizar a literatura para podermos compreender melhor a história? e como utilizar a história para se escrever um texto literário?

“No caso da história, o passado é ‘inventado’, os fatos são selecionados, a memória é fabricada, mas se trata de uma produção ‘autorizada’, circunscrita pelos dados da passeidade (fontes), a preocupação com a pesquisa documental e os critérios de cientificidade do método”⁵

Já a literatura não dispensa tais fatores – fontes, pesquisa documental - , mas o método do literato é outro e a ele é autorizado escrever um texto no qual utiliza os fatos mas ao seu texto, é permitido criar e imaginar o que poderia ter ocorrido, ir além de algo puramente documental. Com isso a literatura exprime outras possibilidades históricas não realizadas, ou seja, a história que poderia ter ocorrido tivessem sido outras as circunstâncias.

“O historiador parte do fato, fonte, documento, tomado com acontecimento singular, para compor o contexto, ou parte de uma tessitura contextual, conjunto de relações e fatos interativos para chegar ao acontecimento. Na narrativa literária, a criação do fato é resultado da escrita, e o ponto de partida é o conjunto de informações que compõe um contexto de referência relativamente coerente.”⁶

Na literatura não importa se o que o narrador diz é verídico ou não, o importante é que o leitor consiga captar e aceitar o que foi escrito, na história é importante a averiguação do que foi escrito, pois a história não busca apenas “convencer” mas sim “provar” algo⁷.

Ao trabalhar um autor literato é importante sabermos sob quais condições o mesmo escreve e qual a intenção do mesmo com a obra, temos que ficar atentos a qual período que se refere e tentar, ao utilizar a literatura como fonte,

⁵ PENSAVENTO, Sandra Jatahy. *Discurso Histórico e Narrativa Literária*, p.12.

⁶ Idem, 5

⁷ Nicolau Sevcenko afirma que a literatura “fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos. Mas será que toda realidade da história se resume aos fatos e ao seu sucesso? Felizmente, um filósofo bastante audacioso nos redimiu dessa compreensão tão estreita, condenando ‘o poder da história’, que, praticamente, se transforma, a todo instante numa admiração nua do êxito que leva à idolatria dos fatos.” SEVECENKO, Nicolau, *Literatura como missão*, p.20.

compreender o porquê daquele ponto de vista e as conseqüências que a obra trouxe e revelou no tempo em que foi escrita⁸.

Gabriel Garcia Márquez com a ficção histórica “O general em seu Labirinto”, tem como personagem principal Bolívar, que esperava a morte viajando pelas cidades venezuelanas à margem do rio Magdalena. O desejo de Bolívar era embarcar no porto de Cartagena, mas tinha dúvidas se ficaria nas Antilhas ou partiria para a Europa. À primeira vista, o espaço de tempo escolhido por Márquez para retratar a vida do general aparenta ser “entediante”. Afinal, a vida de Simon Bolívar foi repleta de batalhas e incursões pela Grã-Colômbia. Mas, após a leitura, reconhece-se que esse momento foi importante, porque Bolívar é despedido de sua aura de herói pelo narrador e é recolocado em sua condição humana. Bolívar é um corpo inválido que permanece vivo, alimentado pela memória.

“Furioso com a desobediência do corpo, o general não teve forças para nenhuma atividade política ou social, e se recebia alguma visita era de velhos amigos pessoais que vinham a cidade para se despedir dele. A casa era ampla e fresca, até onde novembro permitia, e seus donos a converteram para ele num hospital de família”⁹.

O general em seu labirinto constrói uma relação de proximidade entre a História, a sociedade e literatura. Segundo Antônio Candido, essa relação é o *“movimento dialético que engloba a literatura e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas”*. Esta afirmação ratifica a idéia de que não só o autor recebe matéria-prima da sociedade e da história, como ambas também sofrem influência das obras literárias. Além do condicionamento social, cultural, econômico e político, o escritor também expressa suas concepções ideológicas e sua visão de mundo, como também faz o historiador.

⁸ Ainda segundo Sevcenko *“a produção literária guarda uma relação intrínseca com o tempo e o espaço em que é produzida: “afinal, todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo – e é destes que eles falam. Fora de qualquer dúvida: a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza do clima e das condições ambientais?”* SEVCENKO, Nicolau, *Literatura como Missão*, p20.

⁹ MARQUEZ, Gabriel Garcia. *O General em seu Labirinto*, p235.

Uma vez que tanto história como literatura reconfiguram um tempo passado na composição narrativa, o que distingue o discurso literário do histórico é a modalidade de leitura que provoca. Por isso utilizar a literatura como fonte histórica é interessantíssimo, pois permite-nos repensar a história através dos olhos do literato com toda uma riqueza de possibilidades.

Para a construção deste trabalho utilizarei além do livro “O General em seu Labirinto”, os “Escritos Políticos de Simon Bolívar - que trazem uma biografia referente a Bolívar- assim como outros que discutem questões a sobre a relação da história e da literatura – “Introdução a Literatura Fantástica” de Todorov, “A Literatura do Maravilhoso” de Carpentier e “A Independência dos Países da América Latina” de Alexandre Barbosa - que retratem o processo de Independência da América Latina, mais especificamente Nova Granada. De Simon Bolívar utilizei discursos e cartas escritas por ele no decorrer de sua vida (pois, em sua obra Gabriel busca humanizar Bolívar, desmistificando de certa forma a visão do considerado “libertador da América”).

O universo de Gabriel Garcia Márquez , independe da análise formal de sua obra, – ao ler a obra já é possível sentir e até mesmo compreender o que se passa naquele momento - é rico de imagens e idéias de personagens que chegam a assombrar o extraordinário talento desse autor. A imaginação criadora do autor torna “natural” aquilo que é “assombroso” narrando um mundo de conteúdos especificadamente pressentidos e perdidos no tempo. Assim a vivência formal, transformada em multiplicidade, coloca-se no sentido de dar temporalidade como elemento constitutivo da narrativa de Garcia Márquez, uma temporalidade múltipla que se desdobra a si mesma e que repentinamente se fecha em um elemento aparentemente banal. Em sua obra desfilam elementos extraordinários inseridos em um estranho mundo calcinante onde as coisas têm vida própria, porque tudo é questão de despertar o ânimo, um mundo onde há “pântanos desmesurados”, os “rios tormentosos”, a vegetação, um “mundo de silêncio” . Estes são alguns dos elementos que Márquez utiliza na construção de suas narrativas, nas quais ele consegue alterar e interessar de forma intensa nossos

pensamentos a respeito da obra e da história que ele reconstrói. Seja de forma direta, aberta ao mundo, penetrante e incisivo ao mesmo tempo, fruto de um ambiente conturbado em profundas modificações - período em que trata em sua obra *General em seu Labirinto*, por exemplo – ambiente também penetrado da mais crua realidade e fuga poderosa para o mundo da imaginação. Talvez é certo que a própria imaginação seja a mais profunda das realidades pessoais e nos leva a pensar questões relativas a América latina que temos hoje e a que gostaríamos de ter, acabando dessa forma por escolhermos um mito da liberdade (Simon Bolívar) tentando dessa forma tirar-nos da dura realidade nos levando a um mundo fantástico – na sua essência de escritor Márquez faz com que o fantástico e o admirável tomem corpo de verdades penetrantes da vida humana fazendo com que muitas vezes confundamos o que ocorreu e o que foi parte de sua imaginação. Márquez procura fazer uma literatura fluída, sem opulências e frondosidades. Caminha à procura das origens das formulações límpidas e sem brumas em cujo âmbito, os seres e as coisas têm uma simbologia própria, carregada de segredos que podem ser anunciados a qualquer momento. A vida para ele tem um conteúdo sensível, é no marco de referências teóricas, em um ambiente claramente reconhecido que elabora e estrutura seus personagens, seja onde lutam, onde sonham ou deliram, em um tempo dificilmente captável visto que trabalha com indas e vindas memória e sonhos. O tempo lógico dá passagem ao psicológico, onde aparecem camadas profundas da alma que são uma espécie de grandeza individuais que reproduzem um campo imaginativo dos mais extraordinário, transmitidos através de um personagem com traços de um inconsciente coletivo. O mérito desprendido do tempo parece fundamentar-se-á também na capacidade energética do esquecer para viver, sendo o esquecimento um grande variável em sua obra. Este esquecimento tem papel definitivo na indiferença destruidora do acontecer, sancionado por uma fertilidade esmagadora de imaginação Desse modo sua obra acaba sendo dada pela solidão individual, um pouco voltada para a memória e um labirinto mental no qual Simon Bolívar encontrava-se que não se gravava em anos, meses ou minutos. A certeza da morte, preso em um tempo psíquico, que poderia transformar toda a sua geração

e nação ou mesmo ver a destruição de todos os seus sonhos, assim como a ruína das sociedades latino americanas. Tornava-o preso em si e em suas memórias. Em sua obra sempre expressa uma definição de seu mundo nacional e americano, um mundo que está marcado por variáveis, “constantes em toda a sua obra, um mundo dos sentidos, com razão simples, marcadas pelo mal e pela morte, um mundo que oscila entre amor, ironia e loucura. General em seu Labirinto, sem dúvida, ilustra muito bem esta característica desses” importantes fatores de Márquez, uma vez que a obra apresenta todos estes fatores dentro das loucas e narrativas feitas sobre o personagem principal que é Simon Bolívar.

A verdade é que para compreender esta obra de Garcia Márquez após conhecer grande parte de toda sua vasta bibliografia, torna-se um pouco complicado, principalmente pelo fato de nesta, fugir, um pouco de suas principais características, optando assim por um relato mais histórico do que necessariamente literário, não apresentando assim todas as suas características do realismo mágico.

“El general en su laberinto de Gabriel Garcia Márquez logró criar, con la cicatriz histórica, las heridas manantes del llamado “realismo mágico” que, inventado por Alejo Carpentier, se ha aplicado indiscriminadamente como etiqueta a demasiados novelistas hispanoamericanos, aunque en verdad se convirtió en el sello personal de uno solo: Gabriel Garcia Márquez. Lo primero que sorprende al iniciar la lectura de El general en su laberinto es precisamente, la ausencia de elementos asociados con el realismo mágico. La narrativa de Garcia Márquez, esta vez, es directa e históricamente localizada, pero la iniciación lineal no tarda en florecer, hacia arriba y hacia abajo, y lateralmente, como una planta histórica, triste y vibrante, de la ilusión del poder y la traición del cuerpo”¹⁰

¹⁰ Trecho retirado do trabalho intitulado “La Representación Bolivariana en el General en su Laberinto” de Gabriel Garcia Márquez, artigo de Maria Narea publicado na revista Ciencia de la Educación da Universidade de Carabobo. Apesar de em seu trabalho Maria Narea atentar-se mais para o lado psicológico da obra o trecho ao qual faço referência trata-se de uma citação que a autora faz de Carlos Fuentes em seu livro Valiente Mundo Nuevo. Melhor discutido em FUENTES, Carlos. *Valiente Mundo Nuevo*, México, Fondo de cultura Económica – 1992, p24.

Mas com a história do General ele nos apresenta o que ocorreu em seus últimos dias de vida, preso em um labirinto que ele mesmo criou, que é a América Latina: um grande País, que sonhou unificar, um país forte que mediria forças frente a Europa, mas uma vez vencido acabava por se prender em um labirinto do qual não mais sairia. O labirinto é a metáfora o caminho percorrido por Bolívar, dos percursos concretos e intelectuais que ele construiu sobre a América.

Gabriel não narra a história em um sentido mítico ou épico, mas sim narra a história com convicção, clarividência e um empirismo mágico que acaba por fascinar a todos que lêem a história conseguindo criar um homem “frágil”, preso em memórias e buscando de certa forma um sentido, não apenas para o fim de sua história, mas também pra o fim de seus sonhos, cuja síntese era a unificação da América Latina. Desse modo a narrativa desconstrói o mito Bolívar, mostrando não o herói e sim um homem que tinha sonhos e vontades próprias oriundas de sua formação e de suas vivências. Para isso Gabriel Garcia Marquez nos remete a figura do labirinto, as “idas e voltas”, a “vida e a morte”, como se Bolívar já soubesse seu final e apenas procurasse um caminho para chegar lá. De forma bem simples porém interessante Vera Lúcia Follain de Figueiredo traz em seu livro *Da Profecia ao Labirinto* uma análise da obra de Gabriel Garcia Marquez e esta desmitificação que ele faz de Bolívar:

“Se a viagem é um dado fundamental na formação de Bolívar, expressando a própria busca do intelectual latino-americano de síntese entre as experiências vividas no local em que nasceu, o particular, e conhecimentos adquiridos na Europa, vistos como universais, o autor vai recortar do movimento contínuo do personagem um momento específico – que também não é o dos deslocamentos constantes forçados pela guerra – a partir do qual leremos todos os outros momentos. A viagem privilegiada é a que corresponde à reata final e a reta final se confunde com o caminho de volta ao ponto de partida: a região do caribe, de onde saíra para fazer a independência e onde a morte o esperava, desta vez sem possibilidade de ressurreição. Toda a trajetória do “herói” passa a ser vista, então, sob o prisma de uma circularidade estéril, que não deixa saídas, a não ser de um fim sem grandezas...”¹¹

¹¹ FOLLAIN, Vera. *Da Profecia ao labirinto*, p.112-113.

Vera Follain retrata a figura de Bolívar acreditando que por ser latino americano muitas vezes acabamos por não conhecermos profundamente sua história e ficamos presos apenas à sua figura mítica, principalmente no Brasil, que pouco sabemos a respeito de Bolívar. No entanto, a autora, infere que se ele fosse nascido nos EUA com certeza acabaria por se tornar um personagem mais heróico e difundido em filmes e documentários, mas como latino-americano acaba por ficar perdido na história ou para servir como um mártir para uma determinada classe econômica impor o poder sobre os demais. Algo semelhante a o que ocorreu com Tiradentes¹², que durante muito tempo era considerado um traidor e em determinado momento de nossa história passar a ser considerado um herói e em torno dele se cria toda uma história levando muitos a o aceitarem como tal, deixando de questionar o momento e mesmo as condições pelas quais vivemos.

Por isso obra de Garcia Márquez, nos remete a um período anterior – onde ainda não existe a figura mítica e heróica de Bolívar, uma vez que narra o tempo posterior a de sua morte - e desnuda a figura do herói libertador que alguns países da América Latina ainda cultivam no imaginário. Questionando simultaneamente a “verdade histórica” e a construção do mito, assim como a questão do poder tanto hoje como naquele tempo o que nos leva a pensar que se a América Latina está e é dividida isto se deve ao fato de que naquele momento os interesses das elites locais prevaleceu sobre os interesses coletivos e, mesmo apesar de ter ocorrido uma guerra para a independência desses países, acabaram por se dividir e por ter um poder centralizado nas mãos de poucos, deixando a maior parte da população mais uma vez subjugada ao poder das elites locais.

¹² Durante muito tempo na história do Brasil, Tiradentes era conhecido como um traidor. No entanto quando se deu a Proclamação da República, tornou-se necessário a busca de um Mártir, uma espécie de líder no qual população pudesse se inspirar e até mesmo acreditar que graças a suas atitudes foi possível a “Liberdade”. Dessa forma as elites que detinham o poder buscam regatar e criar uma imagem mítica e heróica de um homem que assim como muitos lutaram por um ideal. Da mesma forma só que com uma intensidade diferente é possível imaginarmos a busca da figura de um líder libertador na América Espanhola. Seria ele Bolívar, onde presidente e membros políticos utilizam sua figura para conseguir votos e mesmo maior poder junto da população.

O objetivo principal deste trabalho não é reconstruir a idéia de independência dos países da América latina, mas sim buscar elementos na obra de Garcia Márquez, assim como nas cartas escritas por Bolívar, que possam nos auxiliar a melhor compreender este período e também questionarmos a figura de Bolívar – não julgá-lo se foi realmente um libertador ou não, pois esta não é nossa função - procuramos assim, ao termos a obra como principal fonte localizar o homem Bolívar dentro da história, respeitando o tempo, tanto do autor como de seu personagem.

Ao analisar historicamente uma obra literária não podemos nos prender apenas ao personagem principal. É importantíssimo observarmos alguns personagens secundários que fazem parte do livro como a “figura de escudeiro”. É o caso, por exemplo de, José Palácios, cuja sombra acompanhou Bolívar durante quase todo o tempo; e de Manuela Sáenz que foi sem dúvida, uma mulher forte que não apenas teve um romance com Bolívar, como também idealiza uma América unificada. No entanto, a figura do general Sucre, general este, que Bolívar considerava o mais notável de todos aparece como aquele que daria continuidade ao mito de Bolívar, O general Sucre é o outro Bolívar... algo nítido não apenas no livro de Garcia Márquez como também nas cartas escritas por Bolívar.

Capítulo I

Bolívar e o Amor

El honor e la Nueva granada exige imperiosamente, escarmentar a esos osados invasores, persiguiéndoles hasta los últimos atrincheramientos, como su gloria depende de tomar a su cargo la empresa e marcha a Venezuela, a libertar la cuna de la independencia colombiana, sus mártires, y aquél benemérito pueblo caraqueño, cuyos clamores sólo se dirigen a sus amados compatriotas ...

Simon Bolívar

1.1 – Bolívar e seu “Fiel Escudeiro”

Neste capítulo pretendo tratar das relações que Bolívar tinha enquanto homem para com as pessoas que o cercavam. A palavra amor, aqui empregada, não se refere a algo carnal e sim a sentimentos que Bolívar enquanto um general tinha em relação as pessoas que o cercavam como seus soldados, criados, amigos, crianças e mulheres. Todos envolvidos com seu projeto de constituição e unificação da América Latina. Trabalharei principalmente a relação de Bolívar com José Palácios e com Manuela Sáenz. Personagens importantes na vida de Bolívar e que ganham proeminência na reconstrução narrada por Garcia Márquez. O narrador de “O General em seu Labirinto” vê Bolívar e o constrói a partir destes personagens cujas presenças ajudam o autor a humanizar e desmistificar o General.

Durante mais de vinte anos Jose Palácios, escudeiro de Simon Bolívar, esteve presente em sua vida. No romance a relação entre os dois aparece bem nítida, sendo que em todos os momentos difíceis, José Palácios auxilia Bolívar, reafirmando cotidianamente sua fidelidade, não apenas com relação aos propósitos da guerras e lutas que travavam, mas também no sentido de mostrar a humanidade de Bolívar. Se Bolívar está preso em um Labirinto, José Palácios sem dúvida buscava guiá-lo e auxiliá-lo da melhor forma possível mostrando-lhe possibilidades de saída para uma América imaginária. Mesmo sem ser um homem de “cultura” ou mesmo sem compreender todos os princípios políticos que moviam o general, José Palácios – sua relação era mais com o homem Bolívar do que necessariamente com o general - sabia da importância de seus “serviços” e desta forma nunca abandonou o General.

“Estavam em Santa fé de Bogotá, a dois mil e seiscentos metros acima do nível do mar longínquo, e o enorme quarto de paredes áridas, exposto aos ventos gelados que se filtravam pelas janelas mal ajustadas, não era mais propício para a saúde de ninguém. José Palácios pôs no mármore do toucador a cumbuca de espuma e o estojo de espuma e o estojo de veludo vermelho com os instrumentos de barbear, todos de metal dourado. Depositou o castiçal com a vela num suporte junto ao espelho, de modo que o general tivesse bastante luz, e aproximou o braseiro para esquentar-

*lhe os pés. Deu-lhe em seguida uns óculos de vidros quadrados, com armação de prata fina, que trazia sempre para ele no bolso do jaleco.*¹³

Dentre a todas as pessoas que Bolívar convivia, Palácios era o único que podia questionar-lhe uma afirmação, e também um dos poucos que não o tratava como e por General – a relação existente entre os dois era uma relação de companheirismo e cumplicidade, pois Palácios se preocupava não com o General mais com o homem Bolívar - . Bolívar confiava tanto em seu “fiel escudeiro” que este, ao procurar corresponder às suas expectativas quase que incorporava Bolívar como um duplo tornando-se, de certa forma, sua memória.

*“A notícia de que tinham preparado uma homenagem sem aviso prévio avinagrou o humor do general, e José Palácios teve de recorrer a suas melhores artes de conciliador para induzi-lo a desembarcar. O ambiente acolhedor da festa lhe recompôs o ânimo.”*¹⁴

Certamente deveria ser um grande espetáculo ver Palácios cavalgar ao lado do General, ocorria uma grande troca de confiança e Palácios aprendia muito com Bolívar, pois havia, sem dúvida, uma certa relação de amizade que ia muito além de meros interesses de guerra uma vez que José Palácios aprendera muito com Bolívar, tanto no modo de falar, como de se vestir. Apesar de ser um escudeiro sabia como agradar ao general, sem faltar-lhe com respeito, uma vez que sabia e aceitava a sua posição de escudeiro, cumprindo sempre seu dever. Acredito que Márquez definiu de forma muito sensível a paixão que Palácios sentia por seu “senhor”. Ele consegue, de uma maneira muito eficiente, utilizando pequenas interferências de Palácios nos longos monólogos do general mostrar-nos toda admiração e, até mesmo, a necessidade que um tinha em relação ao outro. Se Bolívar estava perdido em um labirinto, Palácios o acompanhava em busca da saída, ao mesmo tempo Bolívar também tinha sua contribuição pois Palácios aprendia muito com o general. Com certeza este personagem é um “autêntico” personagem de Gabriel Garcia Márquez, pois ele é de fundamental importância na obra do autor. Passamos a conhecê-lo sem nem mesmo

¹³ MARQUEZ, Gabriel Garcia. *O General em seu Labirinto*, p.13.

¹⁴ MARQUEZ, Gabriel Garcia. *O General em seu Labirinto*, p.125.

percebermos. Ele está presente em todo o livro e de certo modo encontra-se perdido em um labirinto juntamente com o General.

“José Palácios cavalgava a seu lado, vestido como sempre, até no fragor das batalhas, com a sobracasaca sacramental, o prendedor de topázio na gravata de seda, as luvas de cabritilha e o jaleco de brocado com as duas correntes cruzadas de seus relógios gêmeos. As guarnições do arreio eram de prata de Potosí, e as esporas, de ouro, o que fez ser confundido com o presidente em mais de duas aldeias dos Andes. Não obstante, a diligência com que atendia os mínimos desejos de seu senhor tornava impensável qualquer confusão. Tão bem o conhecia e tanto o amava que padecia na própria carne aquele adeus de fugitivo, numa cidade que costumava transformar em festas pátrias o mero anúncio de sua chegada.”¹⁵

Garcia Marquez utiliza também de outros elementos, que são bem característicos de seus livros, para descrever os sentimentos pelos quais passa Bolívar, para isto se apropria das condições do tempo e do clima como a chuva, o calor, o vento, envolvendo o leitor até surpreende-lo em algumas situações confusas – representando assim a metáfora do labirinto-. Da mesma forma utiliza, de um modo bem interessante, a relação com a alimentação utilizando sentimentos e até mesmo objetos na tentativa de nos levar a acreditar a perdição dentro de um labirinto ou mesmo a tentativa de fuga da doença e da morte. Forma assim expressões um pouco estranhas mas repletas de uma simbologia como por exemplo "infusión de amapolas", "tamales de hoja", "masato de maíz granulado", "carne fosforescente con sabor a jazmín", "mazamorra de maíz tierno", "una totuma llena de guayabas", "un plato de alboronía", "un sancocho costeño", "una taza de sagú", etc.

1.2 – Bolívar e o outro lado do Atlântico

Em todo o mundo mágico criado por Márquez, ele nos conta não apenas os últimos meses de vida e a morte do General Simon Bolívar, mas também narra de uma forma diferenciada, se compararmos com as biografias existentes sobre

¹⁵ MARQUEZ, Gabriel Garcia. *O General em seu Labirinto*, p46.

Bolívar, como foram os últimos dias dele: Um herói, um homem, um general prestes a morrer com quarenta e seis anos de idade, sem ter recebido condecoração alguma por suas inúmeras batalhas, combates e enfrentamentos pelos quais havia passado.

Ainda que seja um aspecto não literário da obra, devemos nos referir também como, de certo modo, um personagem secundário, a ideologia política do general, o que na verdade nos causa algum impacto. O interessante na ideologia do general é que este é que cinquenta anos antes dos Estados Unidos se consolidarem como nação e um século e meio antes da Europa iniciar seu processo de unificação e formação dos Estados-nações, lá estava o General sonhando e acreditando na possibilidade de unificar a América Latina. Um só país livre e único desde o México até Cabo de Horns: sua intenção não apenas de independência, mas também a possibilidade da unificação.¹⁶

A atuação dos Estados Unidos no Congresso do Panamá¹⁷ e a traição do general Santander que vendeu a unificação ao “inimigo” - convidando por conta própria os Estados Unidos a participar deste congresso - e instala nele o grande projeto com graves ameaças de intervenção militar por parte da Santa aliança. Havia o temor de que o continente sul americano se convertesse em uma liga de estados populares contrariando os privilégios das elites locais e dos grandes proprietários de terras. Desse modo, a Espanha tenta recolonizar a América e dela tirar proveito mais uma vez, tanto a Europa como EUA não desejavam uma América realmente livre, necessitavam dela para explorá-la dentro de outros moldes. Bolívar como americano estava imbuído de um sentimento de liberdade

¹⁶ Ao falar de unificação da América, naquele momento, Bolívar não incluía o Brasil, visto que o país vivia sobre uma Monarquia. Isto aparece em um trecho de uma carta que Bolívar escreve a Sucre: “*No tema Vd. al emperador del Brasil, pues la Inglaterra se entiende con nosotros en esta materia, y guardará armonia por necesidad y por política*”. BOLIVAR, Simon. *Escritos Políticos*, p.150.

¹⁷ O Congresso do Panamá foi realizado entre os países da América Latina com a intenção de fortalecerem os laços entre os mesmos. No entanto acabou ocorrendo uma intervenção dos EUA neste congresso desencadeando em seu fim uma maior dependência dos países da América Latina em relação aos EUA bem como a fortificação de interesses das Elites locais em detrimento de uma chance de unificação.

e vontade de ver instalar-se na América a justiça, os ideais revolucionários iluministas de liberdade igualdade e fraternidade. Apesar de já terem ocorrido tantas explorações, por parte da Espanha¹⁸, não seria possível que América se dividiria, enfraquecendo e se, ao invés, de unir para fortalecer, acabasse se dividindo e deste modo enfraquecendo-se frente aos demais países e continentes do mundo. Este sentimento de que havia uma necessidade de unificação é evidente dentro de Bolívar mostrando assim um profundo amor pela terra na qual nascera e uma vontade de que ela se tornasse, também grande não apenas em tamanho, mas em termos de influencia em relação ao mundo.

Bolívar conhecia em profundidade a Europa, uma vez que lá viveu grande parte de sua vida -esteve presente tanto na Espanha como na França, onde assimilou os ideais iluministas e se encantou como poder de Napoleão Bonaparte, figura européia que, sem dúvida, o inspirou na luta por uma América unificada. Seu respeito por Napoleão era enorme, no entanto quando Napoleão tornou-se imperador Bolívar teve uma grande decepção¹⁹.

Desagradava a Bolívar alguns europeus que ele considerava “petulantes” que tinham a pretensão de “saber de tudo” mas que na verdade nada sabiam. No entanto se achavam superiores e que todos lhes deveriam conferir conforto e respeito, pois eram “Europeus”.

Para ilustrar o caso Garcia Marquez nos relata uma divertida refeição com um francês, daqueles bem petulantes, que costumavam arrumar-se apenas para as grandes ocasiões e que mesmo assim muito pouco mudavam – visto que eram

¹⁸ Bolívar em uma de suas cartas relata a tentativa de recolonização e da América por parte dos Espanhóis: “*La España tiene en al día gran número de oficiales generales, ambiciosos y audaces; acostumbrados a los peligros y a las privaciones, que anhelan por venir aquí, a buscar um imperio que reemplace el que acaban de perder.*” BOLÍVAR, Simon. *Escritos Políticos*, p.55.

¹⁹ Quando Bonaparte se fez imperador, Bolívar teve de imediato uma reação semelhante à de Beethoven: sentiu-se traído, e, de maneira imprudente, não escondeu seus sentimentos. Eis o seu desabafo recolhido mais tarde pelo seu lugar-tenete, o irlandês Daniel O’Leary: “Eu o adorava como herói da República, como a brilhante estátua da glória, o gênio da liberdade... Fez-se imperador, e desde aquele dia olhei-o como a um tirano hipócrita. Desde então não pude reconciliar-me com Napoleão; sua própria glória me parecia um resplendor do inferno, as lúgubres chamas de um vulcão destruidor erguendo-se sobre a prisão do mundo”. CASTRO, Moacir Weneck de. *Bolívar*, p.31.

muito grosseiros - e passavam mais de seis meses vivendo de favor nas costas dos ricos das províncias. O autor nos apresenta, Diocles Atlantique, com um belo sotaque, de um jeito bem catedrático, discutia e refletia sobre vários assuntos, no entanto sem nenhuma grande formação teórica real ou com alguma conclusão que chegasse a ser genial, ou mesmo interessante. Dizia que o milho não eram originários do México, mas sim da mesopotânea, que os assírios haviam experimentado a influência das luas para a curas das doenças, que os gregos não conheceram os gatos antes de 400 anos ac., etc... Obviamente, que mesmo muitas vezes sem nem mesmo perceber acabava por criticar e apontar defeitos culturais dos chamados crioulls, inclusive a seus próprios anfitriões que sem saber acabavam dando casa e o que comer por mais de um ano gratuitamente a estes indivíduos.

“A única contrariedade foi provocada por um francês que vivia sob a proteção dos Campillos, e que assistiu ao almoço com umas ânsias insopitáveis de demonstrar diante de tão insignes hóspedes seus conhecimentos universais sobre os enigmas desta vida e da outra. Perdera tudo num naufrágio, e ocupava metade da casa, há quase um ano, com seu séquito de ajudantes e criados, à espera de uma ajuda incerta que deveria chegar de Nova Orleans. José Palácios soube que se chamava Diocles Atlantique, mas não pôde descobrir qual era sua ciência nem o gênero de sua missão em Nova Granada. Nu e com um tridente na mão seria igual ao rei netuno. Tinha no porto uma firme reputação de grosseiro e porco. Mas o almoço com o general o excitou de tal maneira que apareceu na mesa recém- banhado e de unhas limpas, vestido no bochorno de maio como nos salões hibernais de Paris, com a sobrecasaca azul de botões dourados e a calça listrada da velha moda do diretório. Desde o primeiro cumprimento soltou uma aula enciclopédica num castelhano límpido. (...)”²⁰

Desse modo logo que o Sr. Atlantique se encontra com o general, faz perguntas e começa a debater a respeito da situação da América. O general a princípio age normalmente mas devido a constante persistência do francês, repetir pedaços de uma obra que acabara de ler, o general perde a paciência e começa e enumerar de uma forma bem detalhada tudo aquilo que o francês estava falando, explicitando historicamente os fatos ocorridos na Europa e justificando com exemplos claros cada uma de suas falas. Sentindo-se oprimido e até mesmo

²⁰ MARQUEZ, Gabriel Garcia. *O General em seu labirinto*, p.126.

envergonhado o francês trata logo de interrompê-lo. No entanto, Bolívar que já não mais agüentava a série de afirmações que o francês dizia concluiu com rapidez suas idéias não deixando espaço para o europeu replicar.

“Então que nos façam o favor de não nos dizer mais o que devemos fazer – concluiu. – Não tentem nos ensinar como devemos ser, não tentem nos tornar iguais a vocês, não pretendam que façamos bem em vinte anos o que vocês fizeram mal em dois mil”²¹

As manifestações políticas a que acabamos de fazer referencia feitas por um general do século XIX como é o caso de Bolívar, são muito interessantes para compreendermos melhor de quem estamos falando. Falamos de um homem que tem conhecimento, cultura e até mesmo dinheiro e como ele mesmo definia, poderia ter escolhido um caminho diferente em sua vida, como por exemplo ser alcaide de alguma grande cidade, no entanto, movido por uma paixão interior e em momento algum sentindo-se inferior ao europeu, acreditou e lutou pela independência e unificação da América latina acreditando tanto nesta possibilidade que acabaria morrendo preso em um labirinto. Esta força de vontade de lutar por um ideal é nitidamente percebida nas cartas de Jamaica que Bolívar escreveu em 1815.

“Lo que es, en mi opinión, realmente temible es la indiferencia con que la Europa ha mirado hasta hoy la lucha de la justicia contra la opresión, por temor de aumentar la anarquía; ésta es una instigación contra el orden, la prosperidad y los brillantes que esperan a la América. El abandono en que se nos ha dejado es el motivo que puede, en algún tiempo, desesperar al partido independiente, hasta hacerlo proclamar máximas demagógicas para atraerse la causa popular, esta indiferencia repito, es una causa inmediata que puede producir la subversión y que sin duda forzará al partido débil en algunas partes de la América a adoptar medidas, las más perniciosas, pero las más necesarias para la salvación de los americanos que actualmente se hallan comprometidos en la defensa de su patria contra una persecución desconocida en todo otro país que la América española.”²²

Podemos perceber a vontade de independência, mas também a preocupação de Bolívar de como a mesma deve ser realizada. Para ele era

²¹ MARQUEZ, Gabriel Garcia. *O General em seu labirinto*. p.129.

²² O abandono e a indiferença da Europa poderia tornar-se, na visão de Bolívar, uma arma na luta contra o poder europeu e salvação dos Americanos comprometidos na defesa de sua pátria. BOLIVAR, Simon. *Escritos Políticos*. p. 90.

importante despertar a consciência do Partido da Libertação, do Partido Popular para a luta contra a opressão econômica, pois caso contrário poderiam as massas²³ serem induzidas pelas camadas mais altas da sociedade e, no final da guerra, acabariam não prevalecendo princípios como a da igualdade e da liberdade por exemplo.

1.3 – Manuela Sáenz e as mulheres de Bolívar

Outro aspecto interessante da personalidade de Simon Bolívar é o seu relacionamento com as mulheres, as quais marcaram sua vida e ainda as retinham vivas em sua memória: muitas foram importantes, e permaneceram um tempo em sua vida, outras existiram apenas por uma noite. Mas a todas amou e assegurou amá-las para sempre. Simon Bolívar casou-se muito cedo, e aos 19 anos, já estava viúvo. Ele mesmo afirma que se algo tão trágico não tivesse ocorrido em sua vida certamente não teria, talvez, despertado o interesse pela política e se contentaria em ter o poder em alguma cidadezinha da América²⁴. Embora tenha tido diferentes mulheres, Manuela Sáenz foi uma figura de uma mulher especial, que além de companheira também lutou e possuía os mesmos ideais dele: o de uma América livre e Unificada. Com Manuela Sáenz, Bolívar conviveu por oito anos e apesar separarem-se algumas vezes, nunca se “abandonaram”. Era uma mulher interessante, forte e foram seus cabelos brancos que impressionaram o General: uma mulher que fumava cachimbo, e se perfumava com “loções de quartel”, se vestia como homem. Essa imagem, essa

²³ A luta contra a injustiça e a opressão era vista pela Europa como a incitação contra a “ordem e a prosperidade” e a riqueza que auferiam da América. Assim como a tomada de consciência das massas representava para os europeus a instalação da “anarquia”. Melhor discutido em BOLIVAR, Simon. *Escritos Políticos*.

²⁴ Aos 19 anos Simon Bolívar ficava viúvo. Anos depois, diria a um amigo: “Eu amava muito minha mulher. Quando ele morreu, jurei nunca mais me casar. Mantive a minha promessa”. Sim, a promessa foi cumprida: mas isso era apenas renúncia a um novo contrato legal; estava longe de significar um voto de ascetismo. Mulheres não faltariam na vida de Bolívar em nenhum momento de sua vida. Maria Teresa, entretanto, permaneceria nele como uma ardente recordação da juventude, ligada a um maravilhoso impulso romântico. A morte da jovem espanhola de 21 anos influenciou diretamente o seu destino. Segundo ele filosofava com seus companheiros de lutas: “Vejam vocês como são as coisas. Se eu não tivesse enviuvado, minha vida teria sido outra; eu não seria o general Bolívar, nem o Libertador...”. CASTRO, Moacir Weneck de. *Bolívar*, p.27.

figuração de mulher era algo bem absurdo mesmo naquele tempo. No entanto ela amava Bolívar “sobre todas as outras coisas”, e ele a seu modo lhe correspondia do mesmo sentimento. Apaixonado por ela acabou por , talvez, cometer o erro de tentar viver um último amor sendo que já não mais possuía corpo suficiente para agüentar tamanho sentimento, apesar de que isto ele jamais admitiu.

“A última visita da noite anterior fora a de Manuela Sáenz, a aguerrida quitenha que o amava, mas que não o seguiria até a morte. Ficava, como sempre, com a incumbência de manter o general bem informado de tudo o que ocorresse em sua ausência, pois fazia muito tempo que ele não confiava em ninguém mais. Deixava-lhe em custódia algumas relíquias sem outro valor senão o de terem sido suas, bem como alguns de seus livros mais apreciados e dois cofres com arquivos pessoais. No dia anterior, durante a breve despedida formal, lhe dissera: “ Eu te amo muito, mas te amarei mais ainda se agora tiveres mais juízo do que nunca”. Ela o tomou como uma homenagem a mais, das tantas que recebera em oito anos de amores ardentes. Dentre todos os seus conhecidos, era ela a única a acreditar: desta vez ele ia mesmo embora. Mas também era a única a ter pelo menos um motivo real para que ele voltasse”²⁵.

Quando Bolívar abandonou Bogotá, Manuela, como sempre ocorria, nada pode fazer, mas organizou um grande movimento com suas duas escravas guerreiras que Urdaneta, que estava no poder no momento, não teve muita escolha e teria que transferir o poder novamente ao general Bolívar. Infelizmente o General sabia que não possuía forças suficientes para tal e mesmo que tivesse novamente o poder suas decisões não seriam como antes e seus sonhos não mais se realizariam. Sendo assim só poderia continuar sua viagem na tentativa de sair do seu labirinto. Quando ainda havia esperanças, Manuela Sáenz foi capaz, já quase sem vida, de organizar a futura companhia militar, discutindo com os soldados por toda a noite. No entanto quando Manuela realmente salvou sua vida no atentado ocorrido em 25 de setembro de 1827. Ela ajudou-o a escapar por um balcão com uma espada e um revólver²⁶, mas sem nenhum aparato contra a

²⁵ MARQUEZ, Gabriel Garcia. *O General em seu labirinto*. p. 14.

²⁶ À meia noite os conspiradores atacaram... Manuela correu ao quarto do libertador. Ele agarrou a espada e uma pistola e encaminhou-se para a porta. “Mas nesses trajes? – riu ele. Bolívar vestiu-se às pressas, pôs uma capa sobre os ombros e calçou os botas de borracha com que ela viera de casa. Voltou a querer abrir a porta; ela o deteve, lembrando que ele próprio, um dia falara na janela, a uns dois metros e meio do chão, como possível saída de emergência. Mas o momento era impróprio para saltar por ali: pasava gente embaixo. Afinal, quando não havia ninguém, Bolívar pulou – e desapareceu no parque. CASTRO, Moacir Weneck de. *Bolívar*, p. 187.

chuva eterna - a metáfora é interessantíssima – Manuel Sáenz permaneceu sozinho no quarto presidencial e recebeu aos inimigos, fumando um grande cigarro, para cobrir o cheiro de água de colônia que ainda permanecia no quarto que pertencia ao general.

1.4 – Bolívar e seu Fim

Não podemos, aqui deixar de reconhecer a paixão e o amor de Bolívar pelas pessoas com as quais conviveu. O ideal de unificação da América foi compartilhado com aqueles que lhe eram próximos o que fortalecia suas convicções e contribuiu para transformá-lo em um ser heróico e mítico por grande parte a América Latina. Durante sua última viagem apesar de já não dispor de grandes recursos financeiros, repartiu mais da metade do que possuía para ajudar as pessoas que necessitavam nos locais por onde passava. Quando ainda “mandava” - no fundo acreditava que ainda mandava - as pessoas se agarravam em seu cavalo e o paravam na rua para queixar-se. Ele prestava tanta atenção às reclamações que lhe eram feitas informalmente como aos assuntos mais graves do governo, com um consentimento surpreendente dos problemas pessoais de cada um. Certamente, esta sensibilidade era incrementada, ainda que de forma não percebida com seu grande amor pela vida, querendo a todos como filhos, irmãos, enfim todos seriam americanos, com um país unificado e independente.

Bolívar nos seus últimos dias de vida, sentia-se tão mal, que chamaram um bispo pois talvez quisesse se confessar, no que foi atendido de imediato pelo pontifical Estevez. A confissão foi realizada às portas fechadas devido a ordens do general e durou cerca de quatorze minutos. O bispo saiu apressado e cansado. Bolívar era “ateu” mas pediu para falar com um bispo. Na hora da morte acabou por recorrer a uma entidade superior, no entanto, foi enterrado sem que houvesse um velório no sentido tradicional.

“O bispo veio logo, e foi tamanha a importância dada à entrevista que se paramentou todo. Mas a conversa transcorreu a portas fechadas, e sem testemunhas, por disposição do general, durando apenas quatorze minutos. Nunca se soube uma palavra do que falaram. O bispo saiu

depressa e perturbado, subiu a sua carruagem sem se despedir, e não oficiou os funerais apesar dos muitos apelos que lhe fizeram, nem assistiu ao sepultamento.”²⁷

Muitas vezes ao ser retratado, Simon Bolívar aparece como libertador, como um homem forte, comparado a figuras magistrais, um ser inabalável, responsável pela independência da América Latina, enfim, um herói. Em sua obra, Gabriel Garcia Márquez, procura, de certo modo, mostrar um outro lado de Bolívar: o lado humano, dessa forma, retrata suas paixões, alucinações e mesmo a descrença em relação a tão sonhada unificação da América Latina.

O livro “O General em seu Labirinto”, narra a parte final da vida de Bolívar, o ano de 1930, partir do momento , que ele se encontra em Bogotá e renuncia a presidência da Colômbia e vê, cada vez mais todo seu sonho, e batalhas até então travadas para a formação de um estado forte e justo na América Latina, irem aos poucos se acabando, juntamente com a tuberculose que a cada dia, degradava mais sua saúde.

O Bolívar de Garcia Marquez traz dentro de si, enterrada, a lendária companheira Manuela Sáenz, . Tem a seu lado, permanentemente, o escudeiro José Palácios – um sujeito ao mesmo tempo prático e idealista, que tudo prevê para seu ídolo sem visar recompensas. Simon Bolívar perambula, como um cavaleiro andante ardendo em febre, pela América em ruínas. Nos lugares onde pousa - como se fossem estalagens de uma Espanha medieval - é recebido como herói, mas tratado como um moribundo, contaminado pela tísica.

Simon Bolívar em seu labirinto é simultaneamente um ‘cavleiro andante’ e um “guerreiro decadente” que, no entanto, luta para manter a lucidez e guarda a esperança de uma segunda chance. Quer enfrentar os inimigos que usurparam o poder, gigantes impassíveis de mil braços que, junto com a doença, o reduzem à imobilidade. Há assim o sentimento de impotência que vai se instalando no seu interior e o humaniza, ao humanizar-se, torna-se frágil.

²⁷ MARQUEZ, Gabriel Garcia. *O General em seu labirinto*, p.265.

O herói “desterrado no tempo”, alimentado pela memória, Bolívar está dividido entre a consciência da morte e o desejo de reencontrar a glória. Essa tragédia compõe o labirinto que se concretiza no amor e na paixão que o mesmo sentia em relação as batalhas e as guerras que durante anos travou sonhando com uma América livre e unificada. Garcia Márquez coloca o personagem diante de seu próprio mito, consciente de que o corpo frágil, deitado na rede, não encarna mais o herói que as pessoas insistem em invocar. Ele não é mais o Libertador, apesar de manter, em alguns momentos, sua autoridade nata. A guerra, agora longe no tempo, perdeu o sentido. Independência, para quê? Talvez tivesse sido travada por uma questão de virilidade, de sedução pessoal ou simplesmente de paixão. São esses, no fundo, os valores apontados por Garcia Márquez que regem a construção precária das nações latino-americanas divididas.

A penosa viagem ao longo do rio Magdalena foi propositadamente escolhida por ser a menos documentada e, portanto, a mais aberta a uma abordagem diversa da mitologia oficial. O livro mistura as batalhas com boatos, levantando fatos por meio de inúmeras versões, compondo cenários de uma História que chega ao osso do herói prostrado e em delírio. O exagero da narrativa engessado num texto magistralmente enxuto força a idéia do “real”, tornando-o expressivo pelo excesso, levando-o à lenda. Como contraponto, o fio da História é retomado através de elementos prosaicos, onde músicas e amores ligam-se à idéia de lutas, golpes, repúblicas.

O libertador Simon Bolívar teve um final triste contado nas linhas expressas de uma verdade difícil. Devorado pela febre, consumido pela tuberculose, entregue às práticas de medicinas pessoais e fantásticas, evocando em clarões de lucidez e de febre a sua lealdade e conquistas, suas infidelidades e fracassos. Desnuda o homem e interpela o herói, aquele do sonho de uma América Livre e Unida.

“Ao meio dia, alentado pela música, tomou uma xícara de caldo e comeu massas e sagu cozido. Depois pediu um espelho de mão para se mirar na

rede, e disse: “Com estes olhos não morro”. A esperança quase perdida de que o doutor Révérend fizesse um milagre voltou a renascer em todos. (...) Mais tarde sofreu uma súbita recaída, da qual não tornou a se recuperar, e gritou com o pouco que lhe restava de voz que levassem os músicos para longe da casa, onde não perturbassem a paz de sua agonia.”²⁸

Bolívar foi, sem sombra de dúvidas, um grande homem, em seu tempo, e também um grande general e estrategista de guerra. De família rica, logo que seus pais morreram foi morar com um tio e depois se mudou para Europa. Nascido em 1783, em Caracas, teve grande influência dos ideais Iluministas que apregoaram a Igualdade, a Liberdade e a Fraternidade, o que certamente impulsionou-o para luta de independência da América contra o domínio Espanhol. Na obra de Garcia Márquez notamos um Bolívar que vê seus sonhos desmoronando. Procurei neste capítulo retratar um pouco da vida e também dos amores que surgiram na vida de Bolívar e mesmo o amor e a paixão pela qual ele se dispôs a lutar para ver uma América livre, não busquei fazer uma análise psicológica, pois este não é o propósito do trabalho, mas sim ver Bolívar como Gabriel Garcia Márquez constrói o homem Bolívar.

²⁸ MARQUEZ, Gabriel Garcia. *O general em seu labirinto*, p.263.

Capítulo II

Bolívar e o Outro

“¡Amigo! Vd. No debe abandonarnos en esta coyuntura tan difícil y cuando más necesitamos de hombres capaces, llenos de gloria y popularidad como Vd. Yo soy que estoy más cansado y el que necesito de más reposo; pero la presencia del peligro y de las dificultades estimulan a mi espíritu decaído.”

Simon Bolívar

Neste Capítulo pretendo tratar da relação existente entre Simon Bolívar e o General Sucre, uma vez que a relação existente entre esses dois generais apresenta uma certa ambigüidade, posto que se de um lado Bolívar é aclamado e tido como um mito, o general Sucre também o é. No entanto esta relação não ocorre apenas no imaginário, pois o próprio Bolívar em muitas vezes admitiu que Sucre seria o seu sucessor, chegando mesmo a trata-lo como tal, dando-lhe total confiança e acreditando que seus sonhos de ter uma América livre e unida só seriam possíveis graças a existência de Sucre.

Antônio Jose Del Sucre foi um militar e estadista venezuelano, considerado por muitos herói e o grande responsável pela independência do Equador – com isso é possível perceber que não apenas Bolívar mas também Sucre acabaram por se tornar uma espécie de mito dentro da história da América Latina. Sucre era filho de militar e assim como Bolívar não pertencia a uma classe pobre. Apesar de ter nascido na América ambos tiveram a oportunidade de estudar e pertenciam a classe social que almejava o poder naquele momento (ciollos). A mãe de Sucre morreu quando ele tinha apenas sete anos e Bolívar também perdeu a mãe muito cedo. Sucre fez seus primeiros estudos foram realizado na escola fundada por uma tia e seus professores lecionavam em sua própria casa. Seus estudos universitários foram realizados em Caracas, na Escuela de Ingenieros Del Coronel Español Tomás Mires, onde estudou matemática, fortificação e artilharia durante cinco anos, aprendizado que foi fundamental para sua vida militar. Interrompeu seus estudos devido a “revolução política de 1810”, quando a juventude venezuelana se dedicou a interferir na guerra contra a dominação Colonial. Sucre entrou para o exercito patriota, cujo objetivo era a a libertação da colônia do jugo metropolitano, como tenente de engenheiros, aproveitando sua formação na escola de engenharia. Como tenente participou de campanhas militares a partir de 1813 e em guerras contra o exército real. Em 1817 Simon Bolívar o nomeou Coronel e em 1819 General. Depois nomeia-o a chefe do Estado Maior e Ministro Interino de Guerra, participando a partir daí, de vários tratados de paz e regularizações da guerra. Em 1921 foi nomeado Chefe do Exército do sul da Colômbia.

A forma como Sucre obteve êxito nos cargos e postos para os quais foi nomeado fez com que Bolívar visse nele, um grande militar e estrategista de guerra, o que contribuiu para a grande admiração de Bolívar.

“(...)Para un valiente el riesgo es el verdadero apetito, y como yo estoy cierto que Vd. participa de mis sentimientos, no he dudado un instante de que, al saber del gran riesgo de la América, sus deseos de servir se habrán reanimado. Persuádase Vd. que los más grandes destinos le esperan. A mí me han ofrecido una corona que no puede venir a mi cabeza, y que yo concibo en la oscuridad de las combinaciones futuras planeando sobre las sienes del vencedor de Ayacucho; y si no fuere esta diadema, será otra mil veces más gloriosa, la de los laureles, recompensa de las virtudes. En una palabra, yo sin Vd. yo soy nada, y por consiguiente, el mundo que pesa sobre nuestros hombros, caerá a sumergirse en un vasto océano de anarquía.”²⁹

Nesta passagem retirada da carta que Bolívar escreve a Sucre é possível percebermos a relação existente entre os dois. Num primeiro momento, verificamos a admiração de Bolívar por Sucre, uma vez que tece-lhe inúmeros elogios; posteriormente remete às gloriosas conquistas e trata o próprio Sucre como uma figura de uma forma mítica assim como a si mesmo. Desse modo, Bolívar compara Sucre a si, procurando não apenas dividir as responsabilidades da guerra com ele, mas também deixando em suas mãos o futuro da América. Dizia-lhe Bolívar que sem o general Sucre ele não seria nada. Assim é possível percebermos que Bolívar não só acredita ser um dos grandes responsáveis pela independência da América, como coloca Sucre em uma posição de igual valor, com a responsabilidade de governar a América num futuro não muito distante.

Quando falamos de uma figura lendária e até mesmo muitas vezes mítica, como é o caso de Simon Bolívar, devemos nos atentar para as conseqüências de elevarmos o mesmo à categoria de salvador. O próprio Bolívar sabia desse seu papel de guia e da importância de dar continuidade ao processo após sua morte. Era preciso que o sonho de uma América livre continuasse. Desse modo Bolívar elege Sucre, considerado por ele o mais brilhante de todos, para ser aquele que lhe sucederia. Sendo assim a figura de Sucre criada por Bolívar entra para a

²⁹ BOLIVAR, Simon. *Escritos Políticos*, p.150.

história como o único capaz de suceder-lo e lutar pelos ideais criados por Bolívar. Gabriel Garcia Márquez retrata de uma forma bem sutil, no entanto extremamente importante esta admiração e respeito que Bolívar tinha em relação a seu pupilo.

“Poucos dias antes do regresso, no final de um áspero conselho de governo, tomou pelo braço o marechal Antônio José de Sucre. “O Senhor fica comigo”, disse. Levou-o ao escritório, onde só recebia uns poucos eleitos, e quase o obrigou a sentar em sua poltrona pessoal. – Este lugar já é mais seu que meu – disse.”³⁰

Para Bolívar era claro que, se ainda havia alguma possibilidade de unificação da América esta só se daria se quem estivesse no poder fosse alguém forte politicamente e que contasse com o apoio popular. Sabia que Sucre seria o homem certo para tal empreitada. No entanto, as forças políticas não eram favoráveis, pois apesar de Sucre ainda ser respeitado e ter apoio popular, o poder já não mais se encontrava em suas mãos e a América, apesar de Independente da Europa, encontrava-se agora, presa aos interesses locais dos grandes proprietários que sabiam que uma unificação acabaria por reduzir seus poderes e domínios. Desse modo tornava-se difícil para Bolívar que já encontrava-se com sua saúde bem debilitada liderar ou mesmo conseguir uma unificação, fato que levou a depositar suas esperanças em Sucre.

“O general não podia imaginar ninguém mais qualificado para suceder-lhe na presidência da república. Sabia que lhe faltavam ainda cinco anos para a idade regulamentar, por motivo de uma restrição constitucional imposta pelo general Rafael Urdaneta para lhe barrar o caminho. Contudo, o general estava empreendendo gestões sigilosas para emendar a emenda.”³¹

No entanto, Sucre sabia que não conseguira chegar à presidência, e mesmo que conseguisse seria muito difícil que grandes mudanças ocorressem, pois como ele mesmo chegou a falar para o general era como se tivessem semeado tão fundo o ideal da independência que agora os povos estavam querendo ficar independentes uns dos outros, desse modo acabava por achar que

³⁰ MARQUEZ, Gabriel Garcia. *O General em seu Labirinto*. p24.

³¹ MARQUEZ, Gabriel Garcia. *O General em seu Labirinto*. p26.

difficilmente conseguiria ver seu sonho de uma América unificada realizar-se, por outro lado Bolívar jogava suas esperanças sobre seus ombros e não apenas por suas grandes conquistas mas pelo fato de ainda ser jovem.

“O general, que gostava muito dele, dizia que simulava ser modesto sem ser. Fora herói em Pichincha, em Tumusla, em Traquí, e com vinte e nove anos apenas, comandara a gloriosa batalha de Ayacucho, que liquidou o último reduto espanhol na América do Sul. Mais que por méritos, no entanto, destacava-se por seu bom coração na vitória e por seu talento de estadista. Naquela altura havia renunciado a todos os seus cargos, e andava sem insígnias militares de qualquer espécie, com um capote preto que lhe dava pelos tornozelos, e sempre de gola levantada para melhor se proteger das apunhaladas dos ventos glaciais das montanhas próximas. Seu único compromisso com a nação, e o último, segundo seus desejos, era participar do congresso constituinte como deputado por Quito(...)”³².

Desse modo podemos perceber esta relação de Bolívar e o Outro, o outro aqui não seria apenas a figura de Sucre, mas sim a única pessoa que Bolívar acreditava ser igual a ele. Seria uma relação entre o General e o espelho, se Bolívar estava velho e doente, ao olhar Sucre, ele conseguia se ver forte, capaz de novamente liderar um exército e atravessar a América em busca do ideal da unificação. Com isso era capaz de ver o impossível acontecer e desta forma, ainda, buscava forças para continuar a viver e a procurar uma saída do labirinto no qual se encontrava, porque não conseguia separar o homem, o herói, o ídolo. Não podia morrer sem um sucessor.

O trecho acima retirado da obra de Gabriel Garcia Márquez nos mostra esta relação bem claramente: o general lembra as glórias de Sucre e estas fazem crescer nele a esperança de vida, assim como as pretensões de ter seu sonhado sucessor. Embora fossem muito diferentes, Bolívar se perde na ilusão de que Sucre poderia salvar a república da Grã Colômbia e livrá-la da tirania e até mesmo conseguir grandes vitórias em prol da unificação.

No entanto, essa relação de Bolívar com Sucre é bem interessante, principalmente no momento em que Bolívar recebe a notícia do assassinato de

³² MARQUEZ, Gabriel Garcia. *O General em seu Labirinto*, p.26.

Sucre. Com a notícia, Bolívar entrega-se completamente à derrota e já não mais acredita na possibilidade de uma liberdade, pragueja contra a humanidade³³ e contra os latino-americanos. Naquele momento, a luta por uma América unificada pareceu-lhe impossível, a morte de seu amigo põe um fim definitivo ao projeto de libertação. Embriagado de ódio, começa a aceitar a idéia da morte como uma absolvição. A morte de Sucre, de certo modo, acabou por representar a morte dos sonhos de Bolívar de uma independência e unificação dos povos da América latina. Uma das melhores formas para ilustrar o que pensava o General naquele momento foi a carta que ele escreve ao General Juan José Flores*.

Barranquilla, 9 de noviembre de 1830

A S. E. el general Juan José Flores

Mi querido general:

Vd. Sabe que yo he mandado veinte años, y de ellos no he sacado más que pocos resultados ciertos: 1º, la América es ingobernable para nosotros; 2º, el que sirve una revolución ara en el mar; 3º, la única cosa que se puede hacer en América es emigrar; 4º, este país caerá infaliblemente en manos de la multitud desenfrenada para después pasar a tiranuelos casi imperceptibles de todos colores y razas; 5º, devorados por todos los crímenes y extinguidos por la ferocidad, los europeos no se dignarán conquistarnos; 6º, si fuera posible que una parte el mundo volverás al caos primitivo, éste seria el último período de la América.

La primera revolución francesa hizo degollar las Antillas, y la segunda causará el mismo efecto en este vasto continente. La súbita reacción de la ideología exagerada va a llenarnos de cuantos males no faltaban, a más bien los va a completar. Vd. Verá que todo el mundo va a entregarse al torrente de la demagogia, y ¡desgraciados de los pueblos! y ¡desgraciados de los gobiernos!

³³ Ao saber da morte de Sucre e de sua expulsão da Colômbia Bolívar afirmou: “Estou velho, doente, cansado, enganado, caluniado e mal pago. Creiam-me, nunca vi com bons olhos as insurreições e nestes últimos dias lamentei até as que fizemos contra os espanhóis... Todos os meus raciocínios me levam à mesma conclusão: não espero a salvação da pátria. Este sentimento, ou melhor, esta convicção afoga meus desejos e me afunda no desespero. Sou de opinião que tudo está perdido para sempre... Os tiranos de minha pátria me expulsaram e proscreveram; de modo que não tenho pátria a que oferecer meus sacrifícios”. CASTRO, Moacir Vernck. *Bolívar*, p.205.

* Carta retirada do livro: *Simon Bolívar Escritos Políticos*. Editora Alianza, Madrid 1990, p.169.

Com a morte de Sucre, o general já não mais tem razões para viver, pois ao se ver no espelho não consegue ver seu reflexo, sendo assim apenas deveria continuar seu caminho pelo labirinto não mais se importando com a América, pois para ele esta já havia se entregado a ruína, e estava fadada, de certa forma, à destruição e à impossibilidade de se estabelecer um “estado forte” e “democrático”. A carta ao General flores nos mostra isso claramente. Agora o general não tinha razões para viver, pois sua juventude estava morta. Seu corpo já não mais existia e seus sonhos haviam por fim sido completamente derrubados.

Não acreditava mais nos povos, nem nos governos, e uma vez que Sucre estava morto, Simon Bolívar também sentiasse livre para partir e dessa forma Garcia Márquez narra magestosamente os últimos momentos do General.

“Examinou o aposento com a clarividência de quem chega ao fim, e pela primeira vez viu a verdade: a última cama emprestada, o toucador lastimável cujo turvo espelho de paciência não o tornaria a refletir, o jarro d’água de porcelana descascada, a toalha e o sabonete para as outras mãos, a pressa sem coração do relógio octogonal desenfreado para o encontro inelutável de 17 de dezembro, à uma hora e sete minutos de sua tarde final. Então cruzou os braços contra o peito e começou a ouvir vozes radiosas dos escravos cantando a salve-rainha das seis nos trapiches, e avistou no céu pela janela o diamante de Vênus que ia embora para sempre, as neves eternas, a trepadeira nova cujas campânulas amarelas não veria florescer no sábado seguinte na casa fechada pelo luto, os últimos fulgores da vida que nunca mais, pelo séculos dos séculos, tornaria a se repetir.”³⁴

Dessa forma Márquez finaliza sua obra, nos mostrando um Bolívar na sua condição humana: morreu assim como morrem todos os homens. E por mais que desejasse e sonhasse em se manter vivo, seu corpo já não agüentava mais, sendo assim, Bolívar morreu no dia 17 de dezembro de 1830 sem que muitos de seus sonhos fossem realizados.

³⁴ MARQUEZ, Gabriel Garcia. *O General em seu Labirinto*, p.266.

Conclusão

Este trabalho permitiu que levantasse questões fundamentais em relação ao desenvolvimento e importância da história da América Latina, uma vez que ao analisar a obra literária foi possível verificar a tentativa de humanização de um homem considerado como o grande libertador da América, com ele aparece vários questionamentos em relação a forma de construção da história, onde muitas vezes ficamos presos na história dos grandes heróis, esquecendo de personagens importantíssimos para a construção de uma nação e mesmo na tentativa de independência que é a população.

A história muitas vezes é contada apenas pelo lado dos vencedores, ou muitas vezes dela em momentos oportunos é trazido pela classe dominante um herói para que dessa forma inspirados nele possamos ter forças para continuar a lidar, desse modo com este trabalho foi possível perceber que Bolívar é muitas vezes tratado como um grande homem responsável pela independência da América, no livro nos mostra o contrário, um homem que tem suas convicções políticas e sociais, no entanto vindo de uma classe rica, e que buscava um pouco mais de justiça, assim como muitas outras pessoas em todo o mundo buscam, mas que não é o único responsável por pela independência da América e que de certa forma teve em grande parte de seus planos frustrados, morrendo sem mesmo ver o que idealizou ocorrer, ao invés disso deparamos com um América muito dividida, onde as oligarquias locais é que tem o poder e se não mais somos colônias da Europa acabamos por nos tornar submetido a golpes de estado financiados por países como os EUA ou mesmo por regimes totalitários comandados por militares. Esta situação vem desde os doloroso processos de independência que assim como Bolívar tiver por toda América inúmeras pessoas

que sonharam, e ainda sonham, com um mundo mais justo é uma América menos dividida.

Outro fator importante que descobri com este trabalho foi a incrível possibilidade de utilizar uma obra literária como fonte historiográfica, pois ela acaba por abrir um vasto campo a ser pesquisado sendo deste modo interessante analisarmos como a história é vista não apenas por outros historiadores, mas também aos olhos de um autor que não tem a responsabilidade de buscar trazer elementos e fontes aceitáveis academicamente, podendo percorrer através do campo da imaginação e desta forma não narrar apenas o que ocorreu mas também o que poderia ter ocorrido. Levantou-me muitas indagações a respeito da verdade histórica e mesmo um melhor conhecimento em relação a como trabalhar e utilizar as fontes para poder construir um conhecimento histórico.

Bibliografia

- ARANGO, Manuel Antônio. **Gabriel Garcia Márquez y la novela de la violencia en Colombia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.
- BARBOSA, Alexandre de Freitas. **A Independência dos Países da América Latina**. Editora Saraiva: São Paulo, 1997. (Que História é essa?).
- BOLIVAR, Simon. **Escritos Políticos**. Alianza Editorial, Madrid, 1982.
- CARPENTIER, Alejo. **A Literatura do Maravilhoso**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, edições vértice, 1987, p.109-142.
- CASTRO, Moacir Werneck de. **Bolívar**. Editora Três, Biblioteca de História Grandes personagens de todos os tempos. Rio de Janeiro, 1973.
- CHIAMPI, Irlemar. **O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispânico-americano**. São Paulo: Perspectiva. 1980.
- ELÍADA, Mircéia. **O Mito do Eterno Retorno: arquétipos e repetição**. Lisboa: Edições 70, 1969
- FIGUEREDO, Vera Follain de. **Da Profecia ao labirinto: imagens da história na ficção latino-americana contemporânea**. Rio de Janeiro: Imago ED: UERJ, 1994.
- FUENTES, Carlos. **Valiente Mundo Nuevo**, México, Fondo de cultura Económica. 1992.
- GINZBURG, C. “*Sobre Aristóteles e a história mais uma vez*”. In **Relações de Força**. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p. 47-63.
- LEENHARDT, Jackes & PESAVENTO, Sandra (orgs). **Discurso Histórico e Narrativa Literária**. Editora Unicamp: Campinas.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Linguagem Social**. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1970.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **O General em seu Labirinto**. Editor Record, Rio de Janeiro, 1989.

_____. **A Má Ora**. Editora Record, Rio de Janeiro, 1974

_____. **Cem Anos de Solidão**. Editora Record, Rio de Janeiro, 1988.

_____. **O Amor nos tempos do Cólera**. Editora Record, Rio de Janeiro, 195

MORENO, César Fernandes. **América Latina em sua Literatura**. Editora Perspectiva S.A São Paulo, 1979.

NAVARRO, Márcia Hoppe. **Romance de um ditador: poder e história na América Latina**. São Paulo: Ícone. 1989.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: brasiliense, 1985.

RODRIGUES, Carmen Escobar. **La historia la enseñanza y la enseñanza de la historia en Colombia, Siglo XIX**. Fondo de Publicaciones – FUAC: Bogota, 1984.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução a Literatura Fantástica**. Editora Perspectiva. São Paulo, 1975.

WATT, Ian. O realismo e a forma de romance. In: **A ascensão do romance**. São Paulo: Cia das letras.